

ENTREVISTA



Gostaria de ser um pouco engraçado, enquanto vou percorrendo sobre as características relevantes à minha rápida biografia, mas infelizmente humor literário nunca foi o meu forte. Bom, então vamos lá! Chamo-me Mauro Soares Ribeiro¹, e com o meu nome carrego a data de nascimento de 08-06-1976 - já podem ver que estou à beira de fazer 30 anos. Não sei se choro ou pulo de alegria com isso. Até prefiro pular, mas os joelhos já não deixam mais, então...buá, buá, buá! Snif...bem..venho de um ambiente familiar levemente temperado por um pseudo-militarismo por parte de pai, acompanhado com uma dose de condimento amazonense materno, cujo gosto é indescritível; há também a presença de uma irmã 5 anos mais velha, que atualmente trabalha no mercado financeiro. Todos eles foram fundamentais para o meu crescimento como indivíduo, no que se refere à aquisição de linguagem oral e desenvolvimento cognitivo, sem falar na segurança emocional e psicológica para enfrentar o mundo com uma surdez profunda. No mundo educacional formal, tenho bagagem de aprendizado em escolas mistas, passando apenas o período da 5ª série até o 1º ano do 2º grau em escolas exclusivamente para alunos ouvintes. De suma importância foi esse aspecto escolar inclusivo, já que permitiu não só o precoce exercício social com os ouvintes, mas também que a minha mãe pudesse acompanhar diretamente com a coordenação o que se passava comigo dentro da sala de aula; pulando diretamente para a fase acadêmica, há de ser ressaltado o percurso de 1 ano e meio dentro do universo de surdos existente na Universidade de Gallaudet, em Washington, D.C., antes do retorno para a via acadêmica principal, que vem a ser a continuação do meu curso de Pedagogia na PUC, onde atualmente estou para me formar no final do ano que vem. Ah, antes que me esqueça: minha surdez foi detectada por volta de 1 ano de idade, e o início dos aparelhos auditivos deu-se imediatamente após a constatação deste fato.

1 – Acreditamos que tenha sido significativo ter estudado em Gallaudet. Você poderia pontuar experiências relevantes vivenciadas lá e também agora no Brasil?

Sem sombra de dúvida esse contato estrangeiro teve forte impacto sobre a minha vida. Não só pelo aspecto cultural, mas também educacional. Em Gallaudet pude extrair novas noções a respeito das potencialidades dos surdos, que quando em

¹ Estudante de Pedagogia/PUC/RJ, maurinho76@hotmail.com

sintonia com propostas pedagógicas adequadas permitem que o desenvolvimento do deficiente auditivo atinja níveis lingüísticos altamente elaborados. Neste exclusivo contexto também apreciei a forte tendência à atitude politizada por parte dos próprios surdos americanos. São grupos minoritários que têm voz política, algo menos comum de se encontrar aqui. Vindo de lá, pude, com uma nova referência, compreender certos elementos sobre o surdo brasileiro – que vai indo muito bem, por sinal! – que também tem a sua força política, que tenta destacar-se num ambiente bastante limitado em termos de apoio financeiro do governo. O que ele já conseguiu de direitos mostra o quanto de fôlego tem.

2 – Sendo você fluente no português oral e escrito, o que fez buscar a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS?

Foram dois os principais motivos: a urgente necessidade de poder me comunicar com meus novos colegas e amigos, sem falar no caso de um dia vir a trabalhar com deficientes auditivos, e a vontade de incluir novas formas de expressão, de ampliar os canais de comunicação, para também facilitar o meu relacionamento com o mundo, de um modo geral - quase como aprender teatro. O deficiente auditivo oralizado, do meu ponto-de-vista, é sobrecarregado emocionalmente para toda a questão sonora, então busquei na LIBRAS uma espécie de escoamento comunicativo, para desconcentrar a atenção excessiva para com o trabalho vocal.

3 – Como está sendo a experiência de estagiar numa escola da Rede Pública Municipal com alunos ouvintes e surdos?

Trabalho com ouvintes no momento. Como obrigatoriedade curricular, a PUC manda os alunos para estagiar em escolas municipais conveniadas com esta. Já trabalhei com educação infantil por 1 ano, e agora recentemente tive que lidar com adolescentes em uma escola Normal. A interação profissional com grandes grupos de ouvintes é muito difícil - pelo menos, o é para mim. Há de fazer um grande esforço respiratório e vocal para que sua voz atinja todos, a percepção visual tem que estar no seu máximo, tem que se livrar de vícios de fala para que haja sintonia entre você e o aluno, e a dicotomia: turma versus aluno é muito tensa pois a relação (no meu caso) entre professor e turma é muito fraca, enquanto com o aluno há alguma compensação individualmente. Há desequilíbrio no prisma professor - aluno - turma. Essa constatação me aliviou por um lado, pois pude enxergar melhor algumas falhas de comunicação por minha parte, mas me deixou um pouco ansioso, pois penso em como que vou lidar com outros colegas, qualquer que seja o ambiente profissional.

4 - Você encontrou dificuldades no início do Curso de Pedagogia na Universidade?

De um modo geral não encontrei dificuldades, seja em sala de aula ou na infra-estrutura geral do campus. Mas, ainda assim, acredito que existem falhas aca-

dêmicas no processo de integração de deficientes auditivos em luta pela obtenção de diploma, principalmente na prática da avaliação. É um tema meio delicado, mas acho que deve haver uma dose de flexibilidade maior para com qualquer análise crítica dos trabalhos de surdos, devido a sua específica linguagem escrita. Pela minha experiência, acredito que as universidades brasileiras fazem um esforço para integrar o deficiente na vida acadêmica.

5 - O que falta na Universidade para que o Portador de Necessidades Especiais seja atendido de forma plena?

O que falta é conscientização de que é só o indivíduo chamar um pouquinho de atenção, ir aos lugares certos, se informar, que ele consegue mobilizar um corpo administrativo e docente para com o atendimento de suas necessidades especiais.

6 - Mas você não acha que também a Universidade a partir do momento que tem o aluno "especial" cursando suas faculdades, teria que exercer um papel mais consciente nessa questão? Como é a PUC nesse aspecto?

Sem dúvida. Toda e qualquer instituição educacional deve facilitar a conscientização sobre a heterogeneidade do seu corpo estudantil - e, melhor, ela própria deve estar lúcida politicamente a respeito dessa questão. Acho que - em graus maiores ou menores - sim, há setores internos voltados para o suprimento dessa questão, nas faculdades brasileiras. Se eles existem, então fica a seguinte pergunta: por que tais setores andam tão escondidos no organograma administrativo das Universidades, a ponto de ficarem distantes da visão dos que necessitam de atendimento especial? Portanto, acho que a universidade tem que exercer um papel mais claro e explícito nessa questão. Ela tem que se expor mais, para que os outros saibam. Sobre a PUC, fica o mencionado anteriormente.

7 - Os Universitários usuários da LIBRAS ainda têm bastante dificuldade... Na Universidade em que estuda, você tem amigos usuários da LIBRAS? Caso tenha, como acontece? A Puc possui intérprete?

Não, que eu saiba. Ainda não encontrei surdos sinalizados no campus, mas acho que se tivessem estudantes sinalizados na PUC, provavelmente eles enfrentariam bastantes dificuldades pois acredito que não há intérpretes. Já encontrei estudantes bilíngües por lá (1 menina), mas não sei como anda a vida acadêmica dela. Tenho um amigo oralizado, que parece se virar na medida do possível, assim como eu.

8 - O que você pensa sobre a inclusão no atual momento político do Brasil?

Minha linha de pensamento aproxima-se mais do grupo dos pró-inclusão. Sempre achei a diversidade algo benéfico para a formação do indivíduo, seja ele portador de deficiência ou não. Acredito que só sofreremos acréscimos de crescimento

peçoal através do embate com a diferença, que nos provoca ruptura e nos leva à sucessivas reavaliações de conceitos. Homogeneidade social demais acaba por criar lodo na estrutura de caráter do indivíduo. Mas no atual momento político do Brasil, o esforço pela inclusão deve ser refletido antes de ser feito, e com muito cuidado, pois não adianta ser o único deficiente num grupo – assim o processo identificatório fica mais fraco. E tendo em vista a fragilidade estrutural do sistema escolar brasileiro, a criança não vai só sentir-se isolada existencialmente, como também receberá pouco reforço pedagógico, diante de professores mal-preparados para tal questão. O aluno especial pede por necessidades especiais, e atualmente o nosso Brasil não consegue atender nem as necessidades “comuns”, o que dirá então das especiais. Penso que se deve continuar com a luta pela inclusão, mas com muito cuidado para que o efeito final não seja o contrário.

9 – Você gostaria de deixar uma mensagem final?

*Para os leitores surdos, que aceitem a sua linguagem e modo de interpretar o mundo como algo especial, próprio, válido e coerente, não importando o seu meio de comunicação (língua de sinais, oralismo ou bilinguismo). O importante é a significação da realidade apreendida, que esta se encaixe em seu mundo interno, fazendo-o feliz com o que é, com o que vê e sente. Para os leitores ouvintes, que estes não sintam receio ao abordar temas mais complexos ou abstratos **de forte teor emocional ou existencial** com os surdos, pois estes também atingem graus de profundidade semântica. Basta um toque de sensibilidade e saber como se proceder durante o diálogo, que ambos chegarão lá.*